



REDACTOR PRINCIPAL * * *
Alexandre Vieira
EDITOR * * * * *
Joaquim Cardoso

Propriedade da União Operária Nacional
(Formulário da lei que regula a liberdade de Imprensa)

Oficinas de impressão — R. da Atalaia, 154

Rodapé e administração — Calçada do Combro, 38-A, 2.º

Lisboa — PORTUGAL

End. teleg. Talhava — Lisboa • Telefone: ?

Uma questão moral

NOTAS & COMENTARIOS

História leguminosa

Há coisa de dois meses correram por ai boatos insistentes de que se pretendia impedir a publicação de *A Batalha*, ou por via legal ou ilegal, não se sabia ao certo. Afirmava-se, contudo, e repetidamente, que o porto voz da organização operária portuguesa veria em breve cortado o fio da sua vida. Não aos preocúpamos nós com tais boatos e continuámos tranquilamente entregues à nossa absorvente obra de propaganda. O que fôsse soaria. Mas já os tipógrafos, por essa ocasião, não coíram os mesmos, tomando em conta as vozes correntes, deliberaram, numa assembléa então realizada, defender *A Batalha* até à última, no caso de ser esta perseguida. E nesta conformidade aprovaram unanimemente uma proposta da qual, dado que o defensor operário fôsse amordado, não comporiam os tipógrafos, nos outros jornais, quaisquer ataques à organização dos trabalhadores. A proposta em questão nem só na *Batalha* veiu inerte, por quanto também outros jornais lhe deram publicidade. E a coisa passou, sem outras consequências, não tendo a deliberação dos gráficos tido encontro para efectivar-se, por isso que contra *A Batalha* nenhuma perseguição foi dirigida. Decorrem os tempos e éis que, a pretexto da greve geral da semana finda, vem a polícia passar à sede dos sindicatos de construção civil e à U. O. N., selando as portas destes organismos e selando também de caminho as portas de *A Batalha*. Aconteceu isto na quarta feira d'atina, faz hoje justamente uma semana. Nessa mesma noite, os tipógrafos, reunidos na sede do seu sindicato, tomaram conhecimento do que a este jornal se fizera, e interpretaram os factos como um inicio da perseguição movida contra o órgão operário, perseguição que bem podia concluir pela supressão definitiva deste. *A Batalha*, com efeito, não tem simpatias nas esferas do governo nem entre as classes burguesas que o governo representa. Apoia-se exclusivamente na massa trabalhadora, e só com esta conta para viver e para lutar. Precipitado não foi, portanto, interpretar o acto policial pela mansa por que o fizeram os tipógrafos. E na hipótese de que o governo pretendia acabar com este jornal, logo ali aqueles resolveram unanimemente «não retornar o trabalho em nenhum dos outros jornais, enquanto a publicação do órgão operário fôsse, por qualquer maneira, dificultada». Esta, a deliberação dos tipógrafos. Vejamos, agora, da sua legitimidade.

A Batalha não pode nem poderá já mais contar com a solidariedade dos outros jornais. Isto porque são diferentes os interesses e os princípios que nós defendemos dos que os outros defendem. E a solidariedade, para que de verdade exista, tem de basear-se forçosamente numa conformidade de princípios e de interesses. Solidariedade de jornais, isto é, de rectângulos de papel impresso, não se entende. A imprensa serve à divulgação de ideias, como meio de propaganda poderosíssimo. Também se propagam ideias falando. Mas na propaganda o essencial é a ideia defendida, sendo o meio couxa acessória e secundária. Ora, não há nem pode haver solidariedade entre ideias não afins. E não há nem pode haver solidariedade entre jornais como, não, a há nem pode haver entre oradores ou conferentes. Portanto *A Batalha* não pode nem poderá já mais contar com a solidariedade dos outros jornais. E' certo que as regras expostas, desde que queiram aplicá-las praticamente, sofreram uma pequena restrição, imposta pelas circunstâncias de ser a publicação da maioria dos jornais consagrada à defesa de interesses burgueses. E há ainda a notar o aspecto de empresa mercantil comum às várias empresas jornalísticas. Estes laços chegariam para unir-las, se tanta outras circunstâncias as não se separassem e dividissem inelutavelmente. A divisão existe portanto entre os jornais burgueses, e acentua-se até ao irreconciliável entre os jornais burgueses, considerados em globo, e *A Batalha*. Este jornal não pode contar com o auxílio dos outros no caso de uma perseguição governamental, que de sobejo sabemos fios que esse auxílio se não manifestaria. Mais ainda. Alguns jornais de Lisboa tem demonstrado de uma maneira mais ou menos clara, que é como quem diz mais ou menos hipócrita, o desejo de ver-nos amordoados. Escusamos de concretizar, mas fácil nos seria fazê-lo.

A Batalha fica pois reduzida aos seus próprios recursos de defesa, que o mesmo é dizer aos recursos de defesa do operariado. A este competia empregá-los em caso de ataque. Foi o que fizeram os tipógrafos. Seladas pela polícia as portas deste jornal, os tipógrafos resolvem não fazer os outros. Não sabemos à face de que critério parecerá este gesto menos legítimo. Imaginemos um homem manetado, impossibilitado de defender-se, e sabendo que vai ser-lhe cortado o fio da sua vida. Vê junto de si os lados que ao seu martirio servirão e não pode mover-se. Mas eis que alcança subtrair, às cordas que o prendem, um dos braços. Que de admirar é que ele o aproveite imediatamente para inutilizar os instrumentos destinados a flagelá-lo, os azorragues que lhe retaliariam as carnes? Foi um gesto assim, exponitâneo, instintivo mas absolutamente legítimo o que praticaram os tipógrafos. De facto, o operariado, privado do seu órgão na imprensa, precisamente no momento em que, tendo terminado um movimento grevista, mais necessário é lhe era, podia comparar-se ao escravo que se seguia do governo, consumar-se, impossibilitado de defender-se, contudo, e, repetidamente, que o porto voz da organização operária portuguesa veria em breve cortado o fio da sua vida. Não aos preocúpamos nós com tais boatos e continuámos tranquilamente entregues à nossa absorvente obra de propaganda. O que fôsse soaria. Mas já os tipógrafos, por essa ocasião, não coíram os mesmos, tomando em conta as vozes correntes, deliberaram, numa assembléa então realizada, defender *A Batalha* até à última, no caso de ser esta perseguida. E nesta conformidade aprovaram unanimemente uma proposta da qual, dado que o defensor operário fôsse amordado, não comporiam os tipógrafos, nos outros jornais, quaisquer ataques à organização dos trabalhadores. A proposta em questão nem só na *Batalha* veiu inerte, por quanto também outros jornais lhe deram publicidade. E a coisa passou, sem outras consequências, não tendo a deliberação dos gráficos tido encontro para efectivar-se, por isso que contra *A Batalha* nenhuma perseguição foi dirigida. Decorrem os tempos e éis que, a pretexto da greve geral da semana finda, vem a polícia passar à sede dos sindicatos de construção civil e à U. O. N., selando as portas destes organismos e selando também de caminho as portas de *A Batalha*. Aconteceu isto na quarta feira d'atina, faz hoje justamente uma semana. Nessa mesma noite, os tipógrafos, reunidos na sede do seu sindicato, tomaram conhecimento do que a este jornal se fizera, e interpretaram os factos como um inicio da perseguição movida contra o órgão operário, perseguição que bem podia concluir pela supressão definitiva deste. *A Batalha*, com efeito, não tem simpatias nas esferas do governo nem entre as classes burguesas que o governo representa. Apoia-se exclusivamente na massa trabalhadora, e só com esta conta para viver e para lutar. Precipitado não foi, portanto, interpretar o acto policial pela mansa por que o fizeram os tipógrafos. E na hipótese de que o governo pretendia acabar com este jornal, logo ali aqueles resolveram unanimemente «não retornar o trabalho em nenhum dos outros jornais, enquanto a publicação do órgão operário fôsse, por qualquer maneira, dificultada». Esta, a deliberação dos tipógrafos. Vejamos, agora, da sua legitimidade.

A Batalha não pode nem poderá já mais contar com a solidariedade dos outros jornais. Isto porque são diferentes os interesses e os princípios que nós defendemos dos que os outros defendem. E a solidariedade, para que de verdade exista, tem de basear-se forçosamente numa conformidade de princípios e de interesses. Solidariedade de jornais, isto é, de rectângulos de papel impresso, não se entende. A imprensa serve à divulgação de ideias, como meio de propaganda poderosíssimo. Também se propagam ideias falando. Mas na propaganda o essencial é a ideia defendida, sendo o meio couxa acessória e secundária. Ora, não há nem pode haver solidariedade entre ideias não afins. E não há nem pode haver solidariedade entre jornais como, não, a há nem pode haver entre oradores ou conferentes. Portanto *A Batalha* não pode nem poderá já mais contar com a solidariedade dos outros jornais. E' certo que as regras expostas, desde que queiram aplicá-las praticamente, sofreram uma pequena restrição, imposta pelas circunstâncias de ser a publicação da maioria dos jornais consagrada à defesa de interesses burgueses. E há ainda a notar o aspecto de empresa mercantil comum às várias empresas jornalísticas. Estes laços chegariam para unir-las, se tanta outras circunstâncias as não se separassem e dividissem inelutavelmente. A divisão existe portanto entre os jornais burgueses, e acentua-se até ao irreconciliável entre os jornais burgueses, considerados em globo, e *A Batalha*. Este jornal não pode contar com o auxílio dos outros no caso de uma perseguição governamental, que de sobejo sabemos fios que esse auxílio se não manifestaria. Mais ainda. Alguns jornais de Lisboa tem demonstrado de uma maneira mais ou menos clara, que é como quem diz mais ou menos hipócrita, o desejo de ver-nos amordoados. Escusamos de concretizar, mas fácil nos seria fazê-lo.

A Batalha fica pois reduzida aos seus próprios recursos de defesa, que o mesmo é dizer aos recursos de defesa do operariado. A este competia empregá-los em caso de ataque. Foi o que fizeram os tipógrafos. Seladas pela polícia as portas deste jornal, os tipógrafos resolvem não fazer os outros. Não sabemos à face de que critério parecerá este gesto menos legítimo. Imaginemos um homem manetado, impossibilitado de defender-se, e sabendo que vai ser-lhe cortado o fio da sua vida. Vê junto de si os lados que ao seu martirio servirão e não pode mover-se. Mas eis que alcança subtrair, às cordas que o prendem, um dos braços. Que de admirar é que ele o aproveite imediatamente para inutilizar os instrumentos destinados a flagelá-lo, os azorragues que lhe retaliariam as carnes? Foi um gesto assim, exponitâneo, instintivo mas absolutamente legítimo o que praticaram os tipógrafos. De facto, o operariado, privado do seu órgão na imprensa, precisamente no momento em que, tendo terminado um movimento grevista, mais necessário é lhe era, podia comparar-se ao escravo que se seguia do governo, consumar-se, impossibilitado de defender-se, contudo, e, repetidamente, que o porto voz da organização operária portuguesa veria em breve cortado o fio da sua vida. Não aos preocúpamos nós com tais boatos e continuámos tranquilamente entregues à nossa absorvente obra de propaganda. O que fôsse soaria. Mas já os tipógrafos, por essa ocasião, não coíram os mesmos, tomando em conta as vozes correntes, deliberaram, numa assembléa então realizada, defender *A Batalha* até à última, no caso de ser esta perseguida. E nesta conformidade aprovaram unanimemente uma proposta da qual, dado que o defensor operário fôsse amordado, não comporiam os tipógrafos, nos outros jornais, quaisquer ataques à organização dos trabalhadores. A proposta em questão nem só na *Batalha* veiu inerte, por quanto também outros jornais lhe deram publicidade. E a coisa passou, sem outras consequências, não tendo a deliberação dos gráficos tido encontro para efectivar-se, por isso que contra *A Batalha* nenhuma perseguição foi dirigida. Decorrem os tempos e éis que, a pretexto da greve geral da semana finda, vem a polícia passar à sede dos sindicatos de construção civil e à U. O. N., selando as portas destes organismos e selando também de caminho as portas de *A Batalha*. Aconteceu isto na quarta feira d'atina, faz hoje justamente uma semana. Nessa mesma noite, os tipógrafos, reunidos na sede do seu sindicato, tomaram conhecimento do que a este jornal se fizera, e interpretaram os factos como um inicio da perseguição movida contra o órgão operário, perseguição que bem podia concluir pela supressão definitiva deste. *A Batalha*, com efeito, não tem simpatias nas esferas do governo nem entre as classes burguesas que o governo representa. Apoia-se exclusivamente na massa trabalhadora, e só com esta conta para viver e para lutar. Precipitado não foi, portanto, interpretar o acto policial pela mansa por que o fizeram os tipógrafos. E na hipótese de que o governo pretendia acabar com este jornal, logo ali aqueles resolveram unanimemente «não retornar o trabalho em nenhum dos outros jornais, enquanto a publicação do órgão operário fôsse, por qualquer maneira, dificultada». Esta, a deliberação dos tipógrafos. Vejamos, agora, da sua legitimidade.

A Batalha não pode nem poderá já mais contar com a solidariedade dos outros jornais. Isto porque são diferentes os interesses e os princípios que nós defendemos dos que os outros defendem. E a solidariedade, para que de verdade exista, tem de basear-se forçosamente numa conformidade de princípios e de interesses. Solidariedade de jornais, isto é, de rectângulos de papel impresso, não se entende. A imprensa serve à divulgação de ideias, como meio de propaganda poderosíssimo. Também se propagam ideias falando. Mas na propaganda o essencial é a ideia defendida, sendo o meio couxa acessória e secundária. Ora, não há nem pode haver solidariedade entre ideias não afins. E não há nem pode haver solidariedade entre jornais como, não, a há nem pode haver entre oradores ou conferentes. Portanto *A Batalha* não pode nem poderá já mais contar com a solidariedade dos outros jornais. E' certo que as regras expostas, desde que queiram aplicá-las praticamente, sofreram uma pequena restrição, imposta pelas circunstâncias de ser a publicação da maioria dos jornais consagrada à defesa de interesses burgueses. E há ainda a notar o aspecto de empresa mercantil comum às várias empresas jornalísticas. Estes laços chegariam para unir-las, se tanta outras circunstâncias as não se separassem e dividissem inelutavelmente. A divisão existe portanto entre os jornais burgueses, e acentua-se até ao irreconciliável entre os jornais burgueses, considerados em globo, e *A Batalha*. Este jornal não pode contar com o auxílio dos outros no caso de uma perseguição governamental, que de sobejo sabemos fios que esse auxílio se não manifestaria. Mais ainda. Alguns jornais de Lisboa tem demonstrado de uma maneira mais ou menos clara, que é como quem diz mais ou menos hipócrita, o desejo de ver-nos amordoados. Escusamos de concretizar, mas fácil nos seria fazê-lo.

A Batalha fica pois reduzida aos seus próprios recursos de defesa, que o mesmo é dizer aos recursos de defesa do operariado. A este competia empregá-los em caso de ataque. Foi o que fizeram os tipógrafos. Seladas pela polícia as portas deste jornal, os tipógrafos resolvem não fazer os outros. Não sabemos à face de que critério parecerá este gesto menos legítimo. Imaginemos um homem manetado, impossibilitado de defender-se, e sabendo que vai ser-lhe cortado o fio da sua vida. Vê junto de si os lados que ao seu martirio servirão e não pode mover-se. Mas eis que alcança subtrair, às cordas que o prendem, um dos braços. Que de admirar é que ele o aproveite imediatamente para inutilizar os instrumentos destinados a flagelá-lo, os azorragues que lhe retaliariam as carnes? Foi um gesto assim, exponitâneo, instintivo mas absolutamente legítimo o que praticaram os tipógrafos. De facto, o operariado, privado do seu órgão na imprensa, precisamente no momento em que, tendo terminado um movimento grevista, mais necessário é lhe era, podia comparar-se ao escravo que se seguia do governo, consumar-se, impossibilitado de defender-se, contudo, e, repetidamente, que o porto voz da organização operária portuguesa veria em breve cortado o fio da sua vida. Não aos preocúpamos nós com tais boatos e continuámos tranquilamente entregues à nossa absorvente obra de propaganda. O que fôsse soaria. Mas já os tipógrafos, por essa ocasião, não coíram os mesmos, tomando em conta as vozes correntes, deliberaram, numa assembléa então realizada, defender *A Batalha* até à última, no caso de ser esta perseguida. E nesta conformidade aprovaram unanimemente uma proposta da qual, dado que o defensor operário fôsse amordado, não comporiam os tipógrafos, nos outros jornais, quaisquer ataques à organização dos trabalhadores. A proposta em questão nem só na *Batalha* veiu inerte, por quanto também outros jornais lhe deram publicidade. E a coisa passou, sem outras consequências, não tendo a deliberação dos gráficos tido encontro para efectivar-se, por isso que contra *A Batalha* nenhuma perseguição foi dirigida. Decorrem os tempos e éis que, a pretexto da greve geral da semana finda, vem a polícia passar à sede dos sindicatos de construção civil e à U. O. N., selando as portas destes organismos e selando também de caminho as portas de *A Batalha*. Aconteceu isto na quarta feira d'atina, faz hoje justamente uma semana. Nessa mesma noite, os tipógrafos, reunidos na sede do seu sindicato, tomaram conhecimento do que a este jornal se fizera, e interpretaram os factos como um inicio da perseguição movida contra o órgão operário, perseguição que bem podia concluir pela supressão definitiva deste. *A Batalha*, com efeito, não tem simpatias nas esferas do governo nem entre as classes burguesas que o governo representa. Apoia-se exclusivamente na massa trabalhadora, e só com esta conta para viver e para lutar. Precipitado não foi, portanto, interpretar o acto policial pela mansa por que o fizeram os tipógrafos. E na hipótese de que o governo pretendia acabar com este jornal, logo ali aqueles resolveram unanimemente «não retornar o trabalho em nenhum dos outros jornais, enquanto a publicação do órgão operário fôsse, por qualquer maneira, dificultada». Esta, a deliberação dos tipógrafos. Vejamos, agora, da sua legitimidade.

A Batalha não pode nem poderá já mais contar com a solidariedade dos outros jornais. Isto porque são diferentes os interesses e os princípios que nós defendemos dos que os outros defendem. E a solidariedade, para que de verdade exista, tem de basear-se forçosamente numa conformidade de princípios e de interesses. Solidariedade de jornais, isto é, de rectângulos de papel impresso, não se entende. A imprensa serve à divulgação de ideias, como meio de propaganda poderosíssimo. Também se propagam ideias falando. Mas na propaganda o essencial é a ideia defendida, sendo o meio couxa acessória e secundária. Ora, não há nem pode haver solidariedade entre ideias não afins. E não há nem pode haver solidariedade entre jornais como, não, a há nem pode haver entre oradores ou conferentes. Portanto *A Batalha* não pode nem poderá já mais contar com a solidariedade dos outros jornais. E' certo que as regras expostas, desde que queiram aplicá-las praticamente, sofreram uma pequena restrição, imposta pelas circunstâncias de ser a publicação da maioria dos jornais consagrada à defesa de interesses burgueses. E há ainda a notar o aspecto de empresa mercantil comum às várias empresas jornalísticas. Estes laços chegariam para unir-las, se tanta outras circunstâncias as não se separassem e dividissem inelutavelmente. A divisão existe portanto entre os jornais burgueses, e acentua-se até ao irreconciliável entre os jornais burgueses, considerados em globo, e *A Batalha*. Este jornal não pode contar com o auxílio dos outros no caso de uma perseguição governamental, que de sobejo sabemos fios que esse auxílio se não manifestaria. Mais ainda. Alguns jornais de Lisboa tem demonstrado de uma maneira mais ou menos clara, que é como quem diz mais ou menos hipócrita, o desejo de ver-nos amordoados. Escusamos de concretizar, mas fácil nos seria fazê-lo.

A Batalha fica pois reduzida aos seus próprios recursos de defesa, que o mesmo é dizer aos recursos de defesa do operariado. A este competia empregá-los em caso de ataque. Foi o que fizeram os tipógrafos. Seladas pela polícia as portas deste jornal, os tipógrafos resolvem não fazer os outros. Não sabemos à face de que critério parecerá este gesto menos legítimo. Imaginemos um homem manetado, impossibilitado de defender-se, e sabendo que vai ser-lhe cortado o fio da sua vida. Vê junto de si os lados que ao seu martirio servirão e não pode mover-se. Mas eis que alcança subtrair, às cordas que o prendem, um dos braços. Que de admirar é que ele o aproveite imediatamente para inutilizar os instrumentos destinados a flagelá-lo, os azorragues que lhe retaliariam as carnes? Foi um gesto assim, exponitâneo, instintivo mas absolutamente legítimo o que praticaram os tipógrafos. De facto, o operariado, privado do seu órgão na imprensa, precisamente no momento em que, tendo terminado um movimento grevista, mais necessário é lhe era, podia comparar-se ao escravo que se seguia do governo, consumar-se, impossibilitado de defender-se, contudo, e, repetidamente, que o porto voz da organização operária portuguesa veria em breve cortado o fio da sua vida. Não aos preocúpamos nós com tais boatos e continuámos tranquilamente entregues à nossa absorvente obra de propaganda. O que fôsse soaria. Mas já os tipógrafos, por essa ocasião, não coíram os mesmos, tomando em conta as vozes correntes, deliberaram, numa assembléa então realizada, defender *A Batalha* até à última, no caso de ser esta perseguida. E nesta conformidade aprovaram unanimemente uma proposta da qual, dado que o defensor operário fôsse amordado, não comporiam os tipógrafos, nos outros jornais, quaisquer ataques à organização dos trabalhadores. A proposta em questão nem só na *Batalha* veiu inerte, por quanto também outros jornais lhe deram publicidade. E a coisa passou, sem outras consequências, não tendo a deliberação dos gráficos tido encontro para efectivar-se, por isso que contra *A Batalha* nenhuma perseguição foi dirigida. Decorrem os tempos e éis que, a pretexto da greve geral da semana finda, vem a polícia passar à sede dos sindicatos de construção civil e à U. O. N., selando as portas destes organismos e selando também de caminho as portas de *A Batalha*. Aconteceu isto na quarta feira d'atina, faz hoje justamente uma semana. Nessa mesma noite, os tipógrafos, reunidos na sede do seu sindicato, tomaram conhecimento do que a este jornal se fizera, e interpretaram os factos como um inicio da perseguição movida contra o órgão operário, perseguição que bem podia concluir pela supressão definitiva deste. *A Batalha*, com efeito, não tem simpatias nas esferas do governo nem entre as classes burguesas que o governo representa. Apoia-se exclusivamente na massa trabalhadora, e só com esta conta para viver e para lutar. Precipitado não foi, portanto, interpretar o acto policial pela mansa por que o fizeram os tipógrafos. E na hipótese de que o governo pretendia acabar com este jornal, logo ali aqueles resolveram unanimemente «não retornar o trabalho em nenhum dos outros jornais, enquanto a publicação do órgão operário fôsse, por qualquer maneira, dificultada». Esta, a deliberação dos tipógrafos. Vejamos, agora, da sua legitimidade.

A Batalha não pode nem poderá já mais contar com a solidariedade dos outros jornais. Isto porque são diferentes os interesses e os princípios que nós defendemos dos que os outros defendem. E a solidariedade, para que de verdade exista, tem de basear-se forçosamente numa conformidade de princípios e de interesses. Solidariedade de jornais, isto é, de rectângulos de papel impresso, não se entende. A imprensa serve à divulgação de ideias,

CHIADO TERRASSE HOJE SOIRÉE ELEGANTE
3.ª exibição da sensacional fia em série As últimas aventuras de Maciste
A maior criação do extraordinário hercules Maciste
★★★★★ No programa ainda outros sucessos ★★★★

AMANHÃ estreia das 9.º e 10.º séries O ROMANCE DE GLÓRIA

Aos secretários adjuntos: redigir as actas do Comité e fazer a escrita administrativa.

Ao bibliotecário arquivista: arquivar todos os documentos recebidos, livros, etc.

Ao tesoureiro: ter sob sua guarda os fundos e documentos de receita e despesa desde que tenham o visto do secretário geral, assinar os recibos de cotas e prestar contas de toda a gerência.

Aos vogais, auxiliar todos os trabalhos do Comité, tanto quanto às relações com a administração.

Art. 22.º O comité é solidariamente responsável em todos os seus actos e por todos os valores pertencentes à Confederação.

CAPITULO VI

Do «label» e cadereta confederal

Art. 23.º Todas as organizações confederadas usarão os seus documentos, impressos ou manuscritos, o desígnio da Confederação: «label», sem o uso do qual não serão reconhecidas para os efeitos de solidariedade mútua por parte das restantes organizações, em casos de greve, etc.

§ único. Só poderão usar o «label» os organismos que satisfazem o disposto no artigo 3.º e § único do artigo 2.º

Art. 24.º Cada sindicato possuirá uma cadereta confederal, na qual será simultâneamente colado um selo correspondente à cota de sindicado, em quadrados referentes a cada semana, e, à margem, em quadrados mensais, outros selos, representativos, respectivamente, da Federação de Indústria e da Confederação.

Art. 25.º Nenhum operário sindicado terá direito a qualquer auxílio, desde que não possua a cadereta confederal de sindicado.

§ único. A Confederação fornecerá, por intermédio das Federações de Indústria ou Unões Locais, todos os selos «label», que cada Sindicato necessite para os seus sindicados.

(Conclui)

Material de guerra

Temos aqui uma extensa notícia que nos envia o nosso informador acerca de um roubo de material de guerra no Entrona.

Julgamos que se tratava dos «tanques» para contra-revolução social mas trata-se, apenas, dumas sacas e mantas, dumas rólas de corda, arreios e de algumas mantas e cagados, tudo no valor de 50000.

E para que se mobilizaram os mais altos agentes da polícia, diversos oficiais superiores do exército e não sabemos quantas divisões militares.

Não valia a pena incomodar-se tanta gente por tão pouca coisa, nem a mais depois da assinatura do tratado de paz e da consequente pacificação de todo o mundo, por que não podia de modo algum considerar que o que dispõe é em absoluto tudo e qualquer material de guerra que deva passar no estado de sucata, por não ser mais preciso.

Ou será?

Os gráficos e a liberdade de Imprensa

Teem várias entidades insinuado que nunca a organização sindical dos gráficos se preocupou com as violências exercidas por vários governos sobre a imprensa.

Ora tais insinuações são redondamente falsas. A Federação do Livro e do Jornal, desde que foi criada, nunca deixou de protestar energicamente contra a série de assaltos e empastelamentos de jornais, praticados por bando de sectaristas e facciosos, e contra a suspensão, apreensão ou censura pelos governantes. E a provar isso, temos presente a coleção de *O Gráfico*, onde estão registados todos os protestos desse importante organismo sindical.

Assim, no número 13, censurava asperamente o estabelecimento da censura preventiva.

No número 14 dizia, a propósito dos dos assaltos que se seguiram ao cinco Dezembro:

«Se um movimento é, ou se lhe quer dar a cor monárquica, são os jornais monárquicos condenados a desaparecer por meio de assaltos ou outras violências. Se são dum partido republicano, são os seus órgãos que sofrem, e, por hábil tabela, sempre o natural inimigo — os monárquicos.

«Cóube, dessa feita, a vez aos tipógrafos do *Mundo* e do *Portugal* de passarem pelas forças caudinas da *chomage* por motivo da revolução. E cabela-lhe também aos da *Manhã*, se elementos operários, entre os quais muitos tipógrafos, não empenhassem algo de esforço em evitar, como evitaram que tivesse a mesma sorte.

«Cumpre-nos ainda registrar, com protestos, a proibição da saída dos jornais assaltados, apesar de deles só termos agravos, dentro do critério da liberdade de imprensa que sempre exigimos como medida geral e não como lei de fumal, tal qual a que vinha imperando, que tão belo ambiente preparou à revolução.»

«Cumpre-nos ainda registrar, com protestos, a proibição da saída dos jornais assaltados, apesar de deles só termos agravos, dentro do critério da liberdade de imprensa que sempre exigimos como medida geral e não como lei de fumal, tal qual a que vinha imperando, que tão belo ambiente preparou à revolução.»

«Cumpre-nos ainda registrar, com protestos, a proibição da saída dos jornais assaltados, apesar de deles só termos agravos, dentro do critério da liberdade de imprensa que sempre exigimos como medida geral e não como lei de fumal, tal qual a que vinha imperando, que tão belo ambiente preparou à revolução.»

«Cumpre-nos ainda registrar, com protestos, a proibição da saída dos jornais assaltados, apesar de deles só termos agravos, dentro do critério da liberdade de imprensa que sempre exigimos como medida geral e não como lei de fumal, tal qual a que vinha imperando, que tão belo ambiente preparou à revolução.»

«Cumpre-nos ainda registrar, com protestos, a proibição da saída dos jornais assaltados, apesar de deles só termos agravos, dentro do critério da liberdade de imprensa que sempre exigimos como medida geral e não como lei de fumal, tal qual a que vinha imperando, que tão belo ambiente preparou à revolução.»

«Cumpre-nos ainda registrar, com protestos, a proibição da saída dos jornais assaltados, apesar de deles só termos agravos, dentro do critério da liberdade de imprensa que sempre exigimos como medida geral e não como lei de fumal, tal qual a que vinha imperando, que tão belo ambiente preparou à revolução.»

«Cumpre-nos ainda registrar, com protestos, a proibição da saída dos jornais assaltados, apesar de deles só termos agravos, dentro do critério da liberdade de imprensa que sempre exigimos como medida geral e não como lei de fumal, tal qual a que vinha imperando, que tão belo ambiente preparou à revolução.»

«Cumpre-nos ainda registrar, com protestos, a proibição da saída dos jornais assaltados, apesar de deles só termos agravos, dentro do critério da liberdade de imprensa que sempre exigimos como medida geral e não como lei de fumal, tal qual a que vinha imperando, que tão belo ambiente preparou à revolução.»

«Cumpre-nos ainda registrar, com protestos, a proibição da saída dos jornais assaltados, apesar de deles só termos agravos, dentro do critério da liberdade de imprensa que sempre exigimos como medida geral e não como lei de fumal, tal qual a que vinha imperando, que tão belo ambiente preparou à revolução.»

«Cumpre-nos ainda registrar, com protestos, a proibição da saída dos jornais assaltados, apesar de deles só termos agravos, dentro do critério da liberdade de imprensa que sempre exigimos como medida geral e não como lei de fumal, tal qual a que vinha imperando, que tão belo ambiente preparou à revolução.»

«Cumpre-nos ainda registrar, com protestos, a proibição da saída dos jornais assaltados, apesar de deles só termos agravos, dentro do critério da liberdade de imprensa que sempre exigimos como medida geral e não como lei de fumal, tal qual a que vinha imperando, que tão belo ambiente preparou à revolução.»

«Cumpre-nos ainda registrar, com protestos, a proibição da saída dos jornais assaltados, apesar de deles só termos agravos, dentro do critério da liberdade de imprensa que sempre exigimos como medida geral e não como lei de fumal, tal qual a que vinha imperando, que tão belo ambiente preparou à revolução.»

«Cumpre-nos ainda registrar, com protestos, a proibição da saída dos jornais assaltados, apesar de deles só termos agravos, dentro do critério da liberdade de imprensa que sempre exigimos como medida geral e não como lei de fumal, tal qual a que vinha imperando, que tão belo ambiente preparou à revolução.»

«Cumpre-nos ainda registrar, com protestos, a proibição da saída dos jornais assaltados, apesar de deles só termos agravos, dentro do critério da liberdade de imprensa que sempre exigimos como medida geral e não como lei de fumal, tal qual a que vinha imperando, que tão belo ambiente preparou à revolução.»

«Cumpre-nos ainda registrar, com protestos, a proibição da saída dos jornais assaltados, apesar de deles só termos agravos, dentro do critério da liberdade de imprensa que sempre exigimos como medida geral e não como lei de fumal, tal qual a que vinha imperando, que tão belo ambiente preparou à revolução.»

«Cumpre-nos ainda registrar, com protestos, a proibição da saída dos jornais assaltados, apesar de deles só termos agravos, dentro do critério da liberdade de imprensa que sempre exigimos como medida geral e não como lei de fumal, tal qual a que vinha imperando, que tão belo ambiente preparou à revolução.»

«Cumpre-nos ainda registrar, com protestos, a proibição da saída dos jornais assaltados, apesar de deles só termos agravos, dentro do critério da liberdade de imprensa que sempre exigimos como medida geral e não como lei de fumal, tal qual a que vinha imperando, que tão belo ambiente preparou à revolução.»

«Cumpre-nos ainda registrar, com protestos, a proibição da saída dos jornais assaltados, apesar de deles só termos agravos, dentro do critério da liberdade de imprensa que sempre exigimos como medida geral e não como lei de fumal, tal qual a que vinha imperando, que tão belo ambiente preparou à revolução.»

«Cumpre-nos ainda registrar, com protestos, a proibição da saída dos jornais assaltados, apesar de deles só termos agravos, dentro do critério da liberdade de imprensa que sempre exigimos como medida geral e não como lei de fumal, tal qual a que vinha imperando, que tão belo ambiente preparou à revolução.»

«Cumpre-nos ainda registrar, com protestos, a proibição da saída dos jornais assaltados, apesar de deles só termos agravos, dentro do critério da liberdade de imprensa que sempre exigimos como medida geral e não como lei de fumal, tal qual a que vinha imperando, que tão belo ambiente preparou à revolução.»

«Cumpre-nos ainda registrar, com protestos, a proibição da saída dos jornais assaltados, apesar de deles só termos agravos, dentro do critério da liberdade de imprensa que sempre exigimos como medida geral e não como lei de fumal, tal qual a que vinha imperando, que tão belo ambiente preparou à revolução.»

«Cumpre-nos ainda registrar, com protestos, a proibição da saída dos jornais assaltados, apesar de deles só termos agravos, dentro do critério da liberdade de imprensa que sempre exigimos como medida geral e não como lei de fumal, tal qual a que vinha imperando, que tão belo ambiente preparou à revolução.»

«Cumpre-nos ainda registrar, com protestos, a proibição da saída dos jornais assaltados, apesar de deles só termos agravos, dentro do critério da liberdade de imprensa que sempre exigimos como medida geral e não como lei de fumal, tal qual a que vinha imperando, que tão belo ambiente preparou à revolução.»

«Cumpre-nos ainda registrar, com protestos, a proibição da saída dos jornais assaltados, apesar de deles só termos agravos, dentro do critério da liberdade de imprensa que sempre exigimos como medida geral e não como lei de fumal, tal qual a que vinha imperando, que tão belo ambiente preparou à revolução.»

«Cumpre-nos ainda registrar, com protestos, a proibição da saída dos jornais assaltados, apesar de deles só termos agravos, dentro do critério da liberdade de imprensa que sempre exigimos como medida geral e não como lei de fumal, tal qual a que vinha imperando, que tão belo ambiente preparou à revolução.»

«Cumpre-nos ainda registrar, com protestos, a proibição da saída dos jornais assaltados, apesar de deles só termos agravos, dentro do critério da liberdade de imprensa que sempre exigimos como medida geral e não como lei de fumal, tal qual a que vinha imperando, que tão belo ambiente preparou à revolução.»

«Cumpre-nos ainda registrar, com protestos, a proibição da saída dos jornais assaltados, apesar de deles só termos agravos, dentro do critério da liberdade de imprensa que sempre exigimos como medida geral e não como lei de fumal, tal qual a que vinha imperando, que tão belo ambiente preparou à revolução.»

«Cumpre-nos ainda registrar, com protestos, a proibição da saída dos jornais assaltados, apesar de deles só termos agravos, dentro do critério da liberdade de imprensa que sempre exigimos como medida geral e não como lei de fumal, tal qual a que vinha imperando, que tão belo ambiente preparou à revolução.»

«Cumpre-nos ainda registrar, com protestos, a proibição da saída dos jornais assaltados, apesar de deles só termos agravos, dentro do critério da liberdade de imprensa que sempre exigimos como medida geral e não como lei de fumal, tal qual a que vinha imperando, que tão belo ambiente preparou à revolução.»

«Cumpre-nos ainda registrar, com protestos, a proibição da saída dos jornais assaltados, apesar de deles só termos agravos, dentro do critério da liberdade de imprensa que sempre exigimos como medida geral e não como lei de fumal, tal qual a que vinha imperando, que tão belo ambiente preparou à revolução.»

«Cumpre-nos ainda registrar, com protestos, a proibição da saída dos jornais assaltados, apesar de deles só termos agravos, dentro do critério da liberdade de imprensa que sempre exigimos como medida geral e não como lei de fumal, tal qual a que vinha imperando, que tão belo ambiente preparou à revolução.»

«Cumpre-nos ainda registrar, com protestos, a proibição da saída dos jornais assaltados, apesar de deles só termos agravos, dentro do critério da liberdade de imprensa que sempre exigimos como medida geral e não como lei de fumal, tal qual a que vinha imperando, que tão belo ambiente preparou à revolução.»

«Cumpre-nos ainda registrar, com protestos, a proibição da saída dos jornais assaltados, apesar de deles só termos agravos, dentro do critério da liberdade de imprensa que sempre exigimos como medida geral e não como lei de fumal, tal qual a que vinha imperando, que tão belo ambiente preparou à revolução.»

«Cumpre-nos ainda registrar, com protestos, a proibição da saída dos jornais assaltados, apesar de deles só termos agravos, dentro do critério da liberdade de imprensa que sempre exigimos como medida geral e não como lei de fumal, tal qual a que vinha imperando, que tão belo ambiente preparou à revolução.»

«Cumpre-nos ainda registrar, com protestos, a proibição da saída dos jornais assaltados, apesar de deles só termos agravos, dentro do critério da liberdade de imprensa que sempre exigimos como medida geral e não como lei de fumal, tal qual a que vinha imperando, que tão belo ambiente preparou à revolução.»

«Cumpre-nos ainda registrar, com protestos, a proibição da saída dos jornais assaltados, apesar de deles só termos agravos, dentro do critério da liberdade de imprensa que sempre exigimos como medida geral e não como lei de fumal, tal qual a que vinha imperando, que tão belo ambiente preparou à revolução.»

«Cumpre-nos ainda registrar, com protestos, a proibição da saída dos jornais assaltados, apesar de deles só termos agravos, dentro do critério da liberdade de imprensa que sempre exigimos como medida geral e não como lei de fumal, tal qual a que vinha imperando, que tão belo ambiente preparou à revolução.»

«Cumpre-nos ainda registrar, com protestos, a proibição da saída dos jornais assaltados, apesar de deles só termos agravos, dentro do critério da liberdade de imprensa que sempre exigimos como medida geral e não como lei de fumal, tal qual a que vinha imperando, que tão belo ambiente preparou à revolução.»

«Cumpre-nos ainda registrar, com protestos, a proibição da saída dos jornais assaltados, apesar de deles só termos agravos, dentro do critério da liberdade de imprensa que sempre exigimos como medida geral e não como lei de fumal, tal qual a que vinha imperando, que tão belo ambiente preparou à revolução.»

«Cumpre-nos ainda registrar, com protestos, a proibição da saída dos jornais assaltados, apesar de deles só termos agravos, dentro do critério da liberdade de imprensa que sempre exigimos como medida geral e não como lei de fumal, tal qual a que vinha imperando, que tão belo ambiente preparou à revolução.»

«Cumpre-nos ainda registrar, com protestos, a proibição da saída dos jornais assaltados, apesar de deles só termos agravos, dentro do critério da liberdade de imprensa que sempre exigimos como medida geral e não como lei de fumal, tal qual a que vinha imperando, que tão belo ambiente preparou à revolução.»

«Cumpre-nos ainda registrar, com protestos, a proibição da saída dos jornais assaltados, apesar de deles só termos agravos, dentro do critério da liberdade de imprensa que sempre exigimos como medida geral e não como lei de fumal, tal qual a que vinha imperando, que tão belo ambiente preparou à revolução.»

«Cumpre-nos ainda registrar, com protestos, a proibição da saída dos jornais assaltados, apesar de deles só termos agravos, dentro do critério da liberdade de imprensa que sempre exigimos como medida geral e não como lei de fumal, tal qual a que vinha imperando, que tão belo ambiente preparou à revolução.»

«Cumpre-nos ainda registrar, com protestos, a proibição da saída dos jornais assaltados, apesar de deles só termos agravos, dentro do critério da liberdade de imprensa que sempre exigimos como medida geral e não como lei de fumal, tal qual a que vinha imperando, que tão belo ambiente preparou à revolução.»

«Cumpre-nos ainda registrar, com protestos, a proibição da saída dos jornais assaltados, apesar de deles